

Sociedade



AMAZÔNIA
Para governo, houve redução no incêndio

Coordenador da GLO diz ter visto menos focos: Prevfogo pede mais tempo. globo.com/346VEgY

MAPBIOMAS

MENOS FLORESTAS, MAIS PASTOS

País perdeu área florestal equivalente a 20 vezes a do Estado do Rio desde 1985

ANA LUCIA AZEVEDO E JOHANNES TELLES*
soledad@oglobo.com.br

Desde 1985 até 2018, o Brasil perdeu 89 milhões de hectares de áreas naturais em todo seu território, algo como 20 vezes a área do Estado do Rio. Essa perda acompanhou o ritmo dos rebanhos, pois a abertura de pastos é o principal motor do desmatamento: no mesmo período, a área destinada à agropecuária teve um aumento de 86 milhões de hectares.

Os dados, obtidos por satélites e geoprocessamento, foram apresentados ontem pelo MapBiomass — um projeto colaborativo de universidades, empresas de tecnologia e ONGs para mapear e monitorar a cobertura e uso da terra no Brasil.

Maior foco de atenção por conta de sua extensão e biodiversidade, a Amazônia ilustra o problema nas áreas desmatadas: de cada dez hectares da floresta que são derrubados, três são abandonados, seis viram pasto e um é empregado na agricultura de demais usos, como urbanização e mineração.

— É um retrato do desperdício e da degradação causada pelo desmatamento — afirma o coordenador do MapBiomass, o engenheiro florestal Tasso Azevedo.

A abertura de pastagens tem se reduzido no resto do país, segundo o MapBiomass, mas não na Amazônia Legal. Em 2005 havia 45 milhões de hectares de pastagens lá. Em 2018 essa área cresceu para

53 milhões de hectares.

— A pastagem avança sobre a floresta, e a agricultura, sobre a pastagem. Mas, na Amazônia, a pastagem continua a crescer, com abandono de áreas e baixa produtividade — salienta Azevedo. — Temos cerca de uma vaca por hectare ou uma transformada em pasto do tamanho de um campo de futebol na Floresta Amazônica. É uma produtividade baixíssima e um péssimo uso da terra.

Segundo o climatologista Carlos Nobre, um dos maiores especialistas do mundo em Amazônia, essa dinâmica é o método principal da pecuária na floresta.

— A mata é queimada e ocupada por uma pecuária de baixa tecnologia, que não faz manejo de pasto. Os nutrientes vão todos embora e surgem problemas como erosão. Depois, novas plantas começam a crescer, o produtor bota fogo de novo e recomeça o ciclo. Dezoito anos depois, a maioria abandona essas terras e desmata novas áreas.

Ainda de acordo com Nobre, essa prática pecuária, de baixíssimo rendimento, atende a outros interesses. — É um modelo de ocupação do espaço florestal na Amazônia que tem muito mais a ver com a posse de terra e outros valores culturais, em um modelo expansionista.

REGENERAÇÃO ENGANOSA

A nova coleção de dados do MapBiomass mostrou o tamanho das áreas regeneradas no país — classificação que engloba as capoeiras, áreas de campo sujo, vegeta-

ção rasteira e florestas secundárias, com espécies de pouca exigência e baixa diversidade. Um retrato de uma natureza degradada, que, no Brasil, cobre 44 milhões de hectares.

— A tragédia é o tamanho das chamadas áreas em regeneração. É uma enorme quantidade — afirma Azevedo.

Na Amazônia, segundo os novos dados, a composição florestal é de 66% de mata primária — ou seja, a Floresta Amazônica original — e 26% de vegetação secundária, sem o mesmo valor ecológico. Todas são verdes, parecem a mesma coisa a um olhar desviado, mas só uma delas é preciosa. Dentro dessa vegetação secundária estão também as áreas desmatadas, abandonadas e onde o mato tomou o lugar de gigantes da Amazônia, como mogno, massaranduba, cedro e ipê.

Diferentemente da Mata Atlântica, onde há alguns projetos de reflorestamento, quase a totalidade das áreas em regeneração na Amazônia e no Cerrado são aquelas onde a vegetação cresceu por si própria, explica Azevedo.

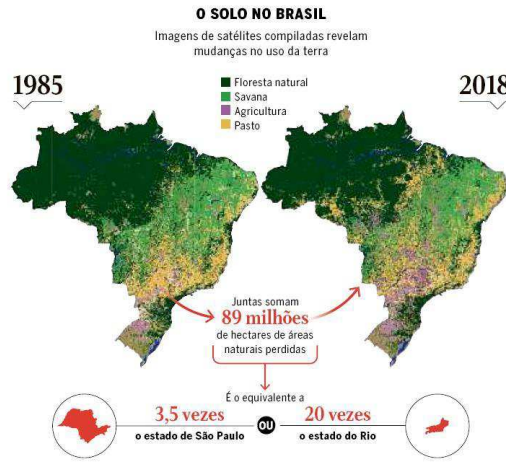
— E, ainda assim, só conseguimos mostrar áreas em regeneração há mais de seis anos, quando a cobertura vegetal já pode ser diferenciada com mais precisão pelos satélites. Áreas recém-desmatadas não aparecem nessa conta. Desmatar é vista. Mas regenerar é, sobretudo, recuperar — destaca ele.

AVANÇO DA AGRICULTURA

No Brasil, as pastagens pa-

presentações locais de órgãos como Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e Ceplac (Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacaueira) estão queimadas. As equipes são reduzidas, não há viaturas, e os funcionários têm pouco comprometimento. Desde o início do ano, por exemplo, o Incra local está sem gestor. (O Ministério da Agricultura, responsável pela Embrapa e Ceplac, contesta as informações e diz que "a situação está sob controle e não chegou ao nível anunciado pela sindicalista em nenhum órgão vinculado.")

Sem suporte adequado, como os produtores se viram?



SITUAÇÃO DO BRASIL EM 2018



DEGRADAÇÃO DETALHADA



DISTRIBUIÇÃO DA VEGETAÇÃO NATIVA EM 2018 NA AMAZÔNIA



PERDA DE COBERTURA VEGETAL NA AMAZÔNIA

47.134.657 hectares entre 1985 e 2018

Fonte: MapBiomass

Editoria de Arte

raram de crescer a partir de 2005. As áreas de agricultura, por sua vez, estão em crescimento. É um processo de transformação de áreas de pastagem em áreas de agricultura.

Para Azevedo, no atual ritmo de perda de florestas o país não conseguirá cumprir suas metas voluntárias: — Temos um compromisso do Acordo de Copenha-

gen, que é a meta de reduzir 80% do desmatamento ilegal na Amazônia em relação à média do que se registrou entre 1996 e 2005. Isso significaria que o desmatamento em 2020 não deveria passar de 3.800 km².

Segundo o pesquisador, o mais próximo que o país chegou dessa meta foi em 2012, quando foi aproximadamente 4500 km². No ano passado

foi tivemos 7800 km², esse ano, os números parciais indicam que teremos mais. Das emissões de gases de efeito estufa no Brasil, cerca de 70% a 72% provém do chamado uso da terra. O desmatamento sozinho responde por cerca de metade das emissões brasileiras.

*Estagiário, sob orientação de Cristina Fibe

ENTREVISTA

Maria Augusta da Silva Neta, PRESIDENTE DO SINDICATO DOS RURALISTAS DE ALTAMIRA (PA)

'QUEIMADAS OCORREM POR ATRASO EM LICENÇAS'

CHICO OTAVIO chico@oglobo.com.br

Presidente do Sindicato Rural de Altamira (PA) pela segunda vez, a fazendeira Maria Augusta da Silva Neta está no olho do furacão. Seus filhos foram acusados de organizar o "Dia do Fogo" em 10 de agosto. A entidade representa 380 produtores rurais da região, cuja economia tem como carro-chefe a pecuária e o plantio de cacau. Ela alega que os produtores abrem novas áreas de plantio sem autorização

porque os órgãos demoram a dar licenças ambientais e deixam a desejar na assistência a propriedades situadas em pontos remotos.

Os ruralistas de Altamira estão queimando a mata indiscriminadamente?

Os produtores de base são conscientes dos cuidados com o meio ambiente. Sabemos que não podemos fazer derrubadas. Carecemos, contudo, de orientação. Re-

Os cacauzeiros acabam plantando "na tora", como se diz aqui, sem a necessária orientação técnica. Neste caso, a cultura é sempre a de abrir novas áreas. Na região, são seis meses de chuvas e seis de sol, o produtor não pode deixar para o próximo ano. Ele protocola o pedido, vai pra casa e fica aguardando. O problema é que a licença não chega, e o tempo vai passando. O que fazer? Ele tem contas a pagar. Então, muitos deles não esperam.

O que significa abrir novas áreas de plantio sem orientação?

Existe a limpeza da pastagem, na qual podemos derrubar com a devida autorização. Mas, de janeiro a agosto, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente só concedeu duas, uma delas a mim. E existe a limpeza com trator e o que chamamos de "enleiramento", que é juntar o material em linhas retas e queimar com mais segurança, principalmente para não atingir a área. E não posso negar que há pessoas de má-fé.

Como deter a destruição?

As empresas de assistência técnica têm que mostrar ao produtor que é mais barato recuperar áreas já abertas. Porém, o problema é mais complexo. Em Altamira,

menos de 30% das terras são legalizadas. E não posso dizer que não há desmatamento. Temos muito, mas está relacionado ao descaso das autoridades, anos de ausência de poder.

Por que os produtores de Altamira organizaram o "Dia do Fogo", combinando pelo Whatsapp incendiar as áreas de beira de estrada?

O "Dia do Fogo" foi uma falácia. Ninguém aqui ouviu isso. Coisa inventada, e num momento difícil para todos nós. Nós aqui da base do município não temos conhecimento desse fato. Precisa ser investigado e, caso tenha fundamento, que sejam punidos severamente. No centro de Altamira, o céu é de brigadeiro.



ARQUIVO/ISSUAL